

## **QUANDO A ESCOLA VAI AO MUSEU: UMA EXPERIÊNCIA ALÉM DA IMAGINAÇÃO - UMA ABORDAGEM SOBRE O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

**Autora:** SILVILENE DE BARROS R. MORAIS - Professora do Ensino Fundamental e Museóloga

**Resumo:** O conteúdo da palestra foi direcionado para atender a dois objetivos: primeiramente promover a ampliação do conhecimento sobre o segmento de estudantes do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), suas especificidades e necessidades, visando contribuir para o reconhecimento da importância social da realização desse trabalho pelos museus e um melhor atendimento por parte dessas instituições; em segundo lugar, o desenvolvimento de uma análise crítica sobre a atuação dos museus e espaços de divulgação da ciência em relação a esse público específico. Por fim, refletir se esses espaços têm propiciado condições para o desenvolvimento educacional do estudante, além de auxiliá-los a tornarem-se cidadãos mais conscientes e sensíveis à realidade do mundo que os cerca. Cabe destacar, que permanece ainda em alguns setores do meio educacional, a crença velada de que o acesso aos museus e instituições culturais não são relevantes para o aluno adulto em processo de alfabetização, já que somente conhecimentos práticos relacionados diretamente ao seu cotidiano deveriam ser exercitados em sala de aula. A partir desse fato, enfatizou-se que, persiste ainda o desconhecimento de que museus desenvolvem temas que poderiam ser interdisciplinarmente explorados pelo professor, que os relacionaria ao cotidiano e as vivências do aluno adulto e, permitiriam também, a aquisição de conceitos que ampliariam a sua “leitura do mundo”, através de uma melhor compreensão da realidade da sociedade em que vive. Enfatizou-se que Constituição Brasileira de 1988, lançou as bases para o reconhecimento da necessidade de uma ampla formação do aluno adulto, ao apresentar como princípio que toda e qualquer educação visa o “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (art. 205). Especificou-se, então, o perfil do aluno do PEJA, esses estudantes ainda desconhecidos pelos espaços não-formais de ensino, jovens e adultos em processo de alfabetização, muitos deles trabalhadores maduros, com larga experiência profissional ou com expectativa de reinserção no mercado de trabalho e com um olhar diferenciado sobre as coisas da existência. Para eles, foi a ausência de uma escola ou a evasão da mesma que os dirigiu para um retorno nem sempre tardio à busca do direito ao saber. Destacou-se, portanto, que os museus de ciência tem papel importante no processo de inclusão desse aluno adulto na sociedade moderna, que se caracteriza por apresentar um contexto de intensas transformações que por sua velocidade e complexidade interferem em diversos aspectos do cotidiano do indivíduo. Dessa forma, enfatizou-se não ser aceitável que o cidadão comum se mantenha isolado do desenvolvimento científico e tecnológico e da modernização dessa sociedade. Essa nova realidade implica em uma necessidade de aquisição de conhecimento em diversas áreas, o que podemos relacionar a questão da cidadania, estar integrado ao mundo e atuando, não à margem dele ou à sua periferia. De acordo com essas perspectivas, concluiu-se que o conhecimento difundido pelos Museus deve ser selecionado a partir de seu caráter de relevância social, pois devem tornar o cidadão capaz de atuar de forma mais consciente e competente das discussões político-sociais inerentes à sociedade. Porém, cabe questionar, como devem ser trabalhados esse conhecimento já que o adulto teve pouco, ou nenhum contato com instituições de ensino e muito menos com centros de ciência ou qualquer equipamento ou experimento que o

estimulasse a sua reflexão sobre as questões científicas? Destacou-se a necessidade de reconhecer que o aluno adulto traz consigo concepções que integram o universo das tradições orais, conhecimentos herdados e difundidos por membros mais antigos da comunidade onde viveu, saberes adquiridos através da prática do seu trabalho, da convivência diária com a natureza, já que grande parte deles tem sua origem relacionada as áreas rurais do nosso país. Esse conhecimento rico e diverso que compõe a cultura do aluno adulto, adquirido a partir de suas vivências não deve ser descartado, mas utilizado como ponto de partida para novas discussões e descobertas. O Museu de Ciências ao se constituírem como espaço de troca, permitem que o aluno adulto se coloque mais aberto à descobertas, ao perceber que suas palavras são aceitas e valorizadas no diálogo com a instituição. Além disso, os Museus têm papel relevante por possuírem recursos e conhecimentos que podem aproximar e tornar mais concretos conceitos básicos de ciências que, para o aluno adulto, possam ser de difícil compreensão, auxiliando na eliminação de barreiras estabelecidas pelo aluno em relação aos temas científicos, vistos por ele como inalcançáveis e apropriados apenas àqueles mais inteligentes, cultos e capazes. Cabe destacar, que ao se propor a valorizar o aluno não somente como uma platéia aos seus projetos, mas como elemento que atua, interfere e elabora novos sentidos para as exposições, os Museus de Ciência se desfazem de uma postura sacralizada, intocável e se colocam como intermediários, instrumentos de produção de saber. Essa percepção implica em mudanças estruturais e conceituais, pois implica em transformações no foco de sua atuação, abandonando a postura de auto-determinação de seus projetos para uma adequação às demandas do visitante. Enfatizou-se que essa sintonia entre o museu e o público não se constitui facilmente, mas se desenvolve através de pesquisas de público e constantes avaliações, cujos resultados poderão direcionar os objetivos, os temas, a exposição e a linguagem usada para adequar os conteúdos científicos ao entendimento do aluno. Especificou-se que essas ações se constituem em instrumentos capazes de impedir a permanência de diversas realidades ainda recorrentes nas exposições científicas: a) a “infantilização” do conteúdo, por julgar o aluno adulto sem vivência na cultura formal; b) a exposição de inúmeros objetos de suas coleções sem contextualizá-los ou uma seqüência interminável de materiais recolhidos em pesquisas de campo pelos cientistas da instituição; c) a produção de uma exposição que atenda somente à uma necessidade de lazer, o que não repercute em produção de conhecimento; d) a elaboração de uma mensagem complexa - provocando, então, o desinteresse do aluno, devido ao desligamento entre a proposta da exposição em relação a sua realidade. Cabe esclarecer que a construção do diálogo deve contemplar também os professores, tantas vezes alijados nas exposições do processo de construção de conhecimento elaborado pelos Museus, que se direciona exclusivamente ao aluno, pois a formação dos professores é muitas vezes restrita a área teórico-pedagógica, não promovendo o conhecimento dos recursos disponíveis para implementá-la - no caso específico de museus de ciência: os objetos expostos. Todas essas reflexões e procedimentos levantados objetivaram considerar a formação do aluno como ser integral, que tem conhecimento do mundo em que vive por inteiro, não somente da parte que lhe é determinado saber. Instrumentalizando-o para uma atuação firme e consciente não somente no local onde vive, mas além dos “guetos”, auxiliando na transformação da sociedade, com uma realidade mais justa e democrática.